

Artigo original



Além do estigma: um olhar sensível sobre as vidas de mulheres na prostituição

Beyond the stigma: a sensitive look at the lives of women in prostitution

Más allá del estigma: una mirada sensible a la vida de las mujeres en prostitución

Gilmar Antoniassi Junior¹ 
Gabriela Galvão de Oliveira² 

¹Autor para correspondência. Faculdade Patos de Minas (Patos de Minas). Minas Gerais, Brasil. Universidade de Franca (Franca). São Paulo, Brasil. jrantoniassi@hotmail.com

²Faculdade Patos de Minas (Patos de Minas). Minas Gerais, Brasil. gabriela.19499@alunofpm.com.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: A prostituição é cercada por complexidades sociais e históricas, com foco no estigma e na marginalização das mulheres que a exercem. Ao longo da história, as atitudes sociais moldaram a visão sobre essas mulheres. **OBJETIVO:** Enunciar as sensações ante a história de vida de garotas de programas que estão no contexto da prostituição em casas de encontros. **MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e histórica. Utilizando de roda de conversa, em que participaram sete mulheres de uma casa de encontros no Alto Paranaíba, Minas Gerais, que foram entrevistadas. Tendo como pergunta disparadora: como as histórias de vida de mulheres que atuam como garotas de programa em casas de encontros refletem suas percepções? A coleta de dados foi analisada com base na Análise da Conversação e na análise de conteúdo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As participantes compartilharam suas experiências de vida, as motivações para entrarem na prostituição e os desafios que enfrentam no dia a dia, apontando que as motivações para a prostituição são econômicas, associadas à falta de opções de trabalho e à necessidade de sustento familiar. As mulheres também relataram experiências traumáticas, como abuso e expulsão de casa. A pesquisa destaca como o estigma social afeta profundamente a autoestima e a visão que elas têm de seus corpos, muitas vezes objetificados. Mesmo assim, as mulheres demonstram resiliência e aspiram a uma vida melhor para si e suas famílias. **CONCLUSÃO:** O estudo reforça a necessidade de uma abordagem mais empática e compreensiva em relação às mulheres na prostituição. Embora enfrentem estigmas e marginalização, essas mulheres possuem histórias complexas, e seus relatos revelam uma luta por sobrevivência e dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Prostitutas. Sexo. Trabalho. Promoção Social.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Prostitution is surrounded by social and historical complexities, with a focus on the stigma and marginalization of the women who engage in it. Throughout history, social attitudes have shaped the perception of these women. **OBJECTIVE:** To enunciate the feelings regarding the life stories of call girls who are in the context of prostitution in meeting houses. **METHODS:** This is a qualitative research of an exploratory and historical nature. They were interviewed using a conversation circle in which seven women from a meeting house in Alto Paranaíba, Minas Gerais, participated. Having as a triggering question: how do the life stories of women who work as call girls in meeting houses reflect their perceptions? Data collection was analyzed based on Conversation Analysis and content analysis. **RESULTS AND DISCUSSION:** The participants shared their life experiences, motivations for entering prostitution and the challenges they face in their daily lives, pointing out that the motivations for prostitution are economic, associated with the lack of work options and the need to support their families. The women also reported traumatic experiences, such as abuse and being kicked out of their homes. The research highlights how social stigma deeply affects their self-esteem and the way they see their bodies, which are often objectified. Even so, the women demonstrate resilience and aspire to a better life for themselves and their families. **CONCLUSION:** The study reinforces the need for a more empathetic and understanding approach towards women in prostitution. Although they face stigma and marginalization, these women have complex stories, and their stories reveal a struggle for survival and dignity.

KEYWORDS: Women. Prostitutes. Sex. Work. Social Promotion.



RESUMEN | INTRODUCCIÓN: La prostitución está rodeada de complejidades sociales e históricas, con un enfoque en el estigma y la marginación de las mujeres que la ejercen. A lo largo de la historia, las actitudes sociales han moldeado la percepción de estas mujeres. **OBJETIVO:** Enunciar las sensaciones respecto de las historias de vida de prostitutas que se encuentran en el contexto de la prostitución en casas de reuniones. **MÉTODOS:** Se trata de una investigación cualitativa de carácter exploratorio e histórico. A través de un círculo de conversación, en el que participaron siete mujeres de una casa de reuniones de Alto Paranaíba, Minas Gerais, fueron entrevistadas. Teniendo como pregunta desencadenante ¿cómo reflejan sus percepciones las historias de vida de las mujeres que trabajan como prostitutas en casas de citas? La recopilación de datos se analizó con base en el Análisis de Conversación y el análisis de contenido. **RESULTADOS Y DISCUSIÓN:** Los participantes compartieron sus experiencias de vida, las motivaciones para ingresar a la prostitución y los desafíos que enfrentan en su vida diaria, señalando que las motivaciones para la prostitución son económicas, asociadas a la falta de opciones laborales y a la necesidad de apoyo familiar. Las mujeres también relataron experiencias traumáticas, como abuso y expulsión del hogar. La investigación destaca cómo el estigma social afecta profundamente la autoestima y la visión que tienen de sus cuerpos, muchas veces cosificados. Aún así, las mujeres demuestran resiliencia y aspiran a una vida mejor para ellas y sus familias. **CONCLUSIÓN:** El estudio refuerza la necesidad de un enfoque más empático y comprensivo hacia las mujeres en prostitución. Aunque enfrentan estigma y marginación, estas mujeres tienen historias complejas y sus historias revelan una lucha por la supervivencia y la dignidad.

PALABRAS CLAVE: Mujer. Prostitutas. Sexo. Trabajo. Promoción Social.

Introdução

Embora estejamos no século XXI, na década de 20, segundo [Souto \(2024\)](#) é no segundo milênio a.c que surgem as primeiras prostitutas da história no cotidiano da vida das pessoas. Daí, a visão sobre a prostituição tem se revelado pouco diferente, todavia algo em comum permanece, como o desrespeito, a desumanização, o preconceito e a invisibilidade social impondo limitações no convívio social ao qual são ignoradas e subjugadas ([Sousa & Antoniassi Junior, 2019](#)). Para [Funari e Rago \(2008\)](#), construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina – recoberto por imagens e metáforas assustadoras.

O papel social das prostitutas mudou ao longo do tempo. No período Paleolítico, mulheres eram associadas à figura de uma Grande Deusa, sendo vistas como sacerdotisas xamânicas que realizavam rituais para promover a união e celebrar a vida, representando uma conexão com o sagrado e a energia do universo. No Neolítico, com o surgimento das primeiras cidades e organizações, a influência masculina aumentou, relegando essas mulheres a uma posição de submissão ([Silva, 2018](#)).

A prostituição acompanhou a evolução da sociedade, sendo ora tolerada, ora condenada. Na Idade Média, era comum perto de templos, embora as mulheres enfrentassem estigmatização; nos séculos seguintes, especialmente durante a Revolução Industrial, a prostituição urbana cresceu em meio às precárias condições de vida; já no século XX, a prática foi impactada pela emancipação feminina e movimentos pelos direitos civis e, hoje, permanece uma questão polêmica: alguns defendem sua regulamentação para proteger os direitos das trabalhadoras do sexo, enquanto outros veem a prostituição como exploradora e defendem sua abolição ([Lopes, 2017](#); [Araújo, 2021](#)).

Daí, a história da prostituição é um reflexo das complexidades da natureza humana e das dinâmicas sociais. Enquanto as atitudes em relação à prostituição continuam a evoluir, é fundamental abordar essa questão com sensibilidade, compreensão histórica e compromisso com a justiça social e os direitos humanos ([Sousa & Antoniassi Junior, 2019](#)).

Mas afinal, o que é ser mulher? Simone [Beauvoir \(1970, p.10\)](#), em seu livro *Segundo Sexo*, diz: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Ao contrário do que se pensa, não é fácil se tornar mulher. Na cultura do patriarcado, não há espaço para a mulher ser quem ela é, e como quer ser, se posicionar na sociedade e em sua própria vida, ser dona das suas escolhas e livre para vivê-las, de tal modo que, atualmente, cansada de lutar diariamente pelo

direito de se colocar como se é e como protagonista da própria vida, ainda se fazem necessárias mudanças, as quais acontecem muito lentamente. Para a definição de ser mulher, não há uma única resposta, narrativa ou forma de ser, vão se aprendendo com as vivências, experiências e não se limitando a rótulos que querem que vistam, como por exemplo ser bonita, elegante, mãe de família, bem-comportada, não falar alto, não se exaltar. Cuidado com a vestimenta! Não chamar muita atenção. Não podemos nos limitar e reduzir a objetificação de algo idealizado vindo de uma cultura machista. O lugar da mulher é onde ela quiser (Araújo, 2021; Sousa & Antoniassi Junior, 2019).

Tais julgamentos são reflexos dos jogos de poder presentes nos discursos de regulação da sexualidade feminina, que ora permite a expressão da sexualidade da mulher, ora a marginaliza e discrimina, de acordo com o que é considerado verdade para cada grupo de sujeitos. Nesse sentido, entende-se o discurso machista como um objeto de poder e não simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual, nós mulheres, queremos nos apoderar, como tendo pertencentes nossos sentimentos e desejos (Foucault, 1996).

A prostituição, hoje, é representada por mulheres de diversos lugares do mundo e de diversas classes sociais. A cada dia que passa, a prostituição está lutando por um reconhecimento enquanto profissão. Mesmo sendo excluída e marginalizada pela sociedade, ela foi inscrita, em 2002, no Código Brasileiro de Ocupações. Com isso, a prostituição foi legalmente reconhecida dentre as ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro (Souza, Ferraz & Melo, 2023).

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego (2025), a prostituta pode ser reconhecida, também, como meretriz, mesalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhadora do sexo. A descrição da profissional está definida como aquela que busca programas sexuais, que atende e acompanha clientes e que participa em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidade da profissão.

É possível notar nas mulheres que trocam os prazeres sexuais por relações econômicas de trabalho que elas tendem inconscientemente a se sentirem culpadas

pela atividade exercida em algum momento ou outro, embora, muitas vezes, esse sentimento venha de fora, pela visão do outro em relação ao julgamento social moral condenatório, colocando essa mulher num lugar de vergonha. Remorso e arrependimento são decorrentes das censuras da consciência moral, cujo fundamento é o senso moral, influenciado diretamente pelos dogmas cristãos. Daí, o sentimento de culpa estaria ligado ao não cumprimento da norma estabelecida por essa doutrina, haja vista que a moral cristã rege a construção subjetiva do bom e do mau, marginalizando o sujeito que descumpra seus preceitos (Damião & Chinavale, 2023; Paula, Oliveira & Coimbra, 2023).

Embora essas mulheres, em sua plenitude de vida, saibam que não estão fazendo mal algum, visto que elas são profissionais do sexo e quem as procuram são eles (o outro – o homem), e não elas, os quais as procuram pelo prazer que elas oferecem. Assim, o prazer é visto como liberdade, satisfação, contentamento pessoal ou a outrem, um deleite agradável da satisfação de um desejo sexual elevado ao gozo, pela possibilidade de viver o reprimido e o contido no encontro do homem com a mulher, por meio da relação de objeto visto, em que a mulher disponível é um produto a ser consumido (Beltrão & Bispo, 2023).

Logo, as mulheres envolvidas nessa prática têm sido ignoradas, vitimizadas e subjugadas ao longo dos séculos, tanto pela religião, pela mídia, pelos movimentos sociais quanto pela sociedade em geral, da qual também fazem parte e que, direta ou indiretamente, delimita os espaços nos quais podem atuar. Comumente, são retratadas como figuras que trazem vergonha às suas famílias, sendo rotuladas como impuras corrompidas e audaciosas. Acredita-se que adotam essa profissão por ociosidade, preguiça, busca excessiva por prazer, amor ao luxo, necessidade financeira, falta de religiosidade, falta de educação moral ou por um temperamento erótico. Observa-se que, apesar de ainda ser permeado por estigmas e submissão, o papel social da prostituição tem se transformado ao longo das épocas, abrindo espaço para uma concepção que a encara como uma escolha, um direito de vivência e uma manifestação da autonomia sexual das mulheres (Silva, 2018; Sousa & Antoniassi Junior, 2019).

Contudo, é reconhecido que, ao longo da história, a representação social das prostitutas tem sido

marcada pela estigmatização, embora, nas últimas décadas, observe-se um processo de mudança e evolução cultural nessa representação (Piscitelli, 2012). Nesse sentido, o presente ensaio se justifica por buscar enaltecer o ser feminino e o direito de ser quem quiser ser das mulheres, observadas pelos movimentos e/ou protestos nas ruas, como o que ocorreu em Belo Horizonte, Minas Gerais, com a marcha das vadias, de forma a conscientizar que a prostituição é uma profissão como outra qualquer e deve ser respeitada, assim como fazer valer seus direitos de cidadãs, não anulando sua feminilidade e sua existência de ser mulher, tendo, assim, como objetivo enunciar as sensações ante a história de vida de garotas de programas que estão no contexto da prostituição em casas de encontros.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo do tipo qualitativo de natureza exploratória e histórica, através do método de história de vida por intervenção de roda de conversa. Segundo Antoniassi Junior (2019), a abordagem de histórias de vida é um tipo de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou de múltiplos informantes. Pode ter a forma de autobiografia, em que o autor social descreve suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida (Andrade, 2024).

A intervenção por meio da roda de conversa visa envolver os participantes para discutir um tópico específico em um ambiente informal e colaborativo, encorajando-os a compartilhar suas experiências no que diz respeito ao tema central da pesquisa, extraíndo informações detalhadas e ricas e permitindo que os pesquisadores capturem as perspectivas e os *insights* dos participantes de forma mais holística, explorando nuances e dinâmicas sociais que podem não surgir em métodos de coleta de dados mais estruturados, como questionários ou entrevistas individuais (Lisbôa, 2020).

O estudo foi realizado com um grupo de garotas de programas de uma casa bar de encontros ativa numa cidade do interior na região do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais, Brasil, no qual se utilizou do procedimento de amostragem intencional, definido

como método não probabilístico, ordenado pela escolha das participantes, selecionando-as a compor a amostra do estudo, a partir dos critérios definidos pelos pesquisadores.

Nesse sentido, considerando a proposta do estudo de analisar as sensações vivenciadas no cotidiano da prostituição sob a perspectiva de quem experimenta essa realidade e, dado que se trata de uma temática sensível, envolvendo participantes de difícil acesso, foram estabelecidos critérios específicos para a seleção das participantes. O estudo incluiu exclusivamente mulheres com idade mínima de 18 anos, que estivessem ativamente envolvidas na atividade sexual em casas de encontros e dispostas a compartilhar suas experiências de vida. Por outro lado, foram excluídas aquelas que não atendiam aos critérios de inclusão ou que, por qualquer motivo não especificado, desistissem de participar das rodas de conversa.

Logo, o estudo foi submetido à apreciação ética segundo as resoluções CNS números 466/2012 e 510/2016 para pesquisa com seres humanos, através da documentação necessária no Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Patos de Minas através do CAEE: 80741917.2.0000.8078, tendo o parecer de aprovação, sendo relevante ressaltar que esta pesquisa não apresenta risco iminente à coleta de dados e à participação dos envolvidos, no entanto aborda uma temática que envolve narrativas de vida que podem expor as participantes a situações de vulnerabilidade, sendo possível surgirem sentimentos de angústia durante o processo. Diante desse cenário, foi disponibilizado apoio psicológico às envolvidas na Clínica Escola de Psicologia, vinculada ao Departamento de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior.

De todo modo, é importante destacar que, a partir das elucidações através dos relatos das participantes, espera-se propor uma base sólida para a reflexão sobre as necessidades dessas pessoas, além de compreender as dificuldades e os desafios enfrentados por pessoas afetadas por esse contexto, podendo aumentar a conscientização sobre a importância da compreensão da existência de vida. Dessa forma, a Psicologia, como ciência e profissão, cumprirá seu objetivo de atender às demandas da sociedade, promovendo a saúde e a qualidade de vida de cada indivíduo e de toda a comunidade.

Isto posto, como instrumento de pesquisa utilizou-se da roda de conversa como referência e a entrevista oral livre para compor a narrativa da história de vida das participantes. Esse método de investigação, segundo [Andrade \(2024\)](#), permite a compreensão do objeto de estudo, por meio dos relatos pessoais dos indivíduos que vivenciaram determinada situação, especialmente aqueles que estão à margem da sociedade. Ao trazer para a ciência as narrativas únicas de suas experiências de vida, essa abordagem integra, de forma inseparável, as dimensões objetivas e subjetivas da pesquisa. Essa metodologia é valorizada por sua capacidade de explorar o rico universo de significados, representações, crenças, valores e atitudes dos participantes, revelando aspectos das relações sociais que podem passar despercebidos e contribuindo para uma compreensão mais profunda da realidade humana em contexto social ([Antoniassi Junior, 2019](#)).

Por conseguinte, o procedimento sucedeu através do disparador para favorecimento do diálogo definido em “Conte-me sobre sua vida e seu envolvimento com a prostituição?”, cuja finalidade de exploração dar-se-á em extrair elementos relacionados sobre a infância, afetividade, o primeiro contato com a prostituição, as experiências vividas nesse contexto do sexo como profissão e a relação com o corpo.

Consequentemente, o procedimento de coleta de dados ocorreu através de um mapeamento das possíveis casas de encontro existentes, através do contato com a Polícia Militar, devido à PM ter conhecimento situacional desse tipo de eventualidade. Assim, foram identificadas 6 (seis) possíveis casas de encontro, em diferentes bairros da cidade. Inicialmente, foi realizado um contato prévio com os responsáveis pelas casas, com a finalidade de verificar a possibilidade de contactar as garotas e verificar o interesse em participarem do estudo, explicitando a proposta e o objetivo, bem como o procedimento que seria adotado. Todavia, das 6 (seis) casas, apenas 1 (uma) casa autorizava o contato. Isso posto, ajustou-se com a proprietária um momento para apresentar a proposta da roda de conversa, ficando, assim, agendado dia e horário. É plausível pontuar que a proprietária da casa de encontro viabilizou que a roda ocorresse no ambiente da própria casa, bem como colaborou sensibilizando as garotas a participarem.

Posteriormente, foram feitos os ajustes com a proprietária. O primeiro encontro sucedeu com a finalidade de estabelecer o *rapport* com as possíveis participantes. Inicialmente, foi apresentada a finalidade do encontro, a proposta do estudo e o objetivo explicitado, bem como foi solicitado às participantes a assinatura do Termo e Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e todas as dúvidas foram esclarecidas. À vista disso, optou-se deste encontro não elucidar a roda de conversa no tocante ao tema central da pesquisa, mas identificar o contexto social das participantes e criar uma conectividade de confiança, respeito e cordialidade com as envolvidas. Logo, estabeleceu-se a data do próximo encontro, com o intento de promover a roda de conversa sobre o tema central da pesquisa.

Sendo assim, 7 (sete) garotas comparecem ao encontro, que ocorreu num dia não movimentado da casa, com duração de 4 (quatro) horas no período da tarde. Para o momento, foi requerido que as participantes se autodenominassem ficticiamente e que autorizassem a gravação. Recebido o consentimento, a sessão foi gravada e transcrita, para que, posteriormente, as decodificações e análises fossem realizadas.

Diz respeito à estrutura pensada para roda de conversa os seguintes atos: o aquecimento, cuja execução tem como finalidade aumentar gradualmente a intensidade e disponibilidade da participante em se desprender de todas as reservas, para se dispor do pensamento, sentimento e percepções; o contexto social, autodenominado aqui para articular os disparadores de diálogo proposto, como meio de extrair as informações em decorrência do tema; os apontamentos, que são a apresentação das falas identificadas e requeridas para expansão do diálogo e reflexões das participantes, a fim de extrapolar o pensamento e dar mais voz ao sentimento; e, por fim, o agradecimento, ou seja, o ato de agradecer pelo momento, a reconhecimento abrangente, dada pela situação vivenciada que foi proporcionada no sentido de explicitar o que representou aquele momento.

Por fim, para realizar a análise dos dados, utilizou-se o método de Análise da Conversação e da Fala ([Myers, 2015](#)) e o método da análise de conteúdo ([Bardin, 2022](#)), a partir da produção de mapas mentais e estratificação das informações, com a categorização dos dados para contribuir com as apreensões, pautados pelas análises qualitativas a captação das palavras mais significativas e que apareciam com maior regularidade

(Minayo, 2013), tendo como referencial a Teoria Psicodramática de Moreno (2011).

Resultados e discussão

Participaram do estudo 7 (sete) mulheres que realizam programas em casas de encontro, com idade entre 19 e 30 anos, brancas, aqui nomeadas por pseudônimos escolhidos por elas, conforme se observa na tabela 1. Dentre elas, duas concluíram o ensino médio e três começaram a faculdade, mas não terminaram os estudos, e duas concluíram a faculdade. Das sete garotas, três são mães e quatro não, e todas elas (as sete) engravidaram na adolescência.

A gravidez e a maternidade na adolescência são temas que envolvem direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos, além de serem questões de saúde pública. Mulheres e meninas têm garantidos, nos marcos internacionais, seus direitos sexuais e reprodutivos, que incluem a liberdade de escolha, autonomia, tomada de decisões e acesso a serviços de saúde. No entanto, em sociedades marcadas por desigualdades estruturais, essas mulheres e meninas enfrentam desigualdades de gênero. Além disso, suas experiências são ainda mais diversas, quando consideramos as interseccionalidades, como raça, classe social e geração, que influenciam suas trajetórias reprodutivas (Goes et al., 2023).

Através do relato de fala das garotas entrevistadas, pode-se observar que os principais fatores que as levaram à prostituição são econômicos e sociais. As questões financeiras, a necessidade de sustentar a família e de obter ganhos rápidos foram motivos predominantes ditos por elas. Além disso, experiências traumáticas, como abusos e expulsão de casa, juntamente com a falta de apoio familiar e opções viáveis de trabalho, desempenham um papel significativo na escolha dessa profissão. A perda de entes queridos também aparece como um fator emocional que contribui para essa decisão. Ante o exposto, nota-se que essas experiências, dificuldades e necessidades influenciaram profundamente suas vidas, refletindo a complexidade de seus contextos pessoais ante a escolha da prostituição como profissão (Sousa & Antoniassi Junior, 2019).

Observa-se que a escassez de recursos financeiros e as dificuldades para essas mulheres buscarem formas de subsistência, ao mesmo tempo em que se inserem em uma sociedade que promove o consumismo, reforçam a possibilidade de obterem ganhos financeiros, possivelmente superiores aos de outras profissões. Esse aspecto surge como um fator crucial, tanto por razões simbólicas quanto materiais, influenciando a entrada e a permanência na prostituição. Ademais, a prática é também vista como uma alternativa para superar dificuldades financeiras. Todavia, essas mulheres são silenciadas pelo estigma do descrédito de sua individualidade no tocante ao seu contexto histórico de vida, abrangendo diversos critérios classificatórios que remetem a diferentes graus de afastamento do que é considerado socialmente aceitável, ao qual a verdade em torno dessas profissionais do sexo é constituída por discursos masculinos (Scantamburlo & Weneck, 2023).

Tabela 1. Identificação das garotas membros do estudo

<i>Participante</i>	<i>Idade</i>
Giovanna	19 anos
Kamylla	20 anos
Antônia	23 anos
Bárbara	23 anos
Lara	25 anos
Luana	26 anos
Natasha	30 anos

Fonte: os autores (2025).

A análise dos relatos de fala dessas mulheres prostitutas sobre suas relações familiares revela uma variedade de experiências e contextos que influenciaram suas vidas e escolhas. Em síntese, a tabela 2 apresenta as observações ponderadas, o que indica o predomínio de ambientes instáveis e de falta de suporte emocional, combinados com histórias de abandono, abuso e conflitos. Esses fatores parecem ter contribuído significativamente para suas escolhas de vida e para a entrada na prostituição. Os casos de apoio familiar, embora presentes, são insuficientes para compensar os traumas e a ausência de uma estrutura familiar sólida.

Tabela 2. Síntese das observações ponderadas sobre as relações familiares que influenciaram a vida e escolhas das garotas de programa participantes do estudo

<i>Dimensões</i>	<i>Ponderações</i>
Apoio Familiar Misto	<ul style="list-style-type: none"> - Algumas mulheres relataram ter recebido apoio de familiares próximos, como mães, avós e irmãos, por exemplo, uma delas mencionou que as pessoas que ama sempre estiveram ao seu lado, apoiando-a. - Outra mulher relatou ter sido criada apenas pela avó, que sempre a ajudou dentro do possível, mas que só via a mãe ocasionalmente.
Influência da Religião e Rebeldia Adolescente	<ul style="list-style-type: none"> - Uma das entrevistadas cresceu em uma família evangélica muito restritiva, o que resultou em um período de rebeldia na adolescência, levando à gravidez precoce e à eventual prostituição. Esse caso ilustra como a rigidez religiosa pode, paradoxalmente, gerar comportamentos de oposição e fuga.
Ausência Paterna e Estrutura Familiar Frágil	<ul style="list-style-type: none"> - Vários relatos indicam a ausência do pai e uma estrutura familiar fragilizada, por exemplo, uma mulher foi criada apenas pela mãe, sem a presença do pai, e foi expulsa de casa ao engravidar aos 15 anos. Embora não faltassem recursos materiais, faltou amor e carinho, resultando em mágoas que eventualmente foram superadas. - Outra mulher mencionou que o pai se separou da mãe quando ela tinha 10 anos, e que a mãe era ausente. Ela perdeu um irmão e frequentemente briga com a mãe por causa da irmã mais nova.
Histórias de Abuso e Conflito Familiar	<ul style="list-style-type: none"> - Os relatos também incluem histórias de abuso e conflitos significativos. Uma mulher mencionou que o pai batia na mãe e que, após a separação e a morte do pai, ela teve que lidar com a ausência materna e a perda de um irmão. - Outra mulher foi criada pela avó e, ao ir morar com a mãe, parou de conversar com ela. A mãe também foi garota de programa, indicando uma possível perpetuação de um ciclo de marginalização e falta de apoio emocional. Esta mulher descreve sua família como afastada.
Dificuldades de Relacionamento e Reconciliação	<ul style="list-style-type: none"> - Há casos de reconciliação e suporte mútuo, como o da mulher que guardou mágoas da mãe por muito tempo, mas eventualmente perdoou-a. Hoje, elas são amigas, e a mãe ajuda a cuidar do neto, apesar de saber da profissão da filha. - Por outro lado, algumas mulheres mantêm uma relação conflituosa e distante com os familiares, especialmente com as mães, o que reflete uma dificuldade em estabelecer vínculos afetivos sólidos.

Fonte: os autores (2025).

É importante destacar que o fenômeno da prostituição recebeu várias explicações acerca dos motivos que mobilizam a mulher a tal prática, relacionados ao trabalho, ao prazer e à patologia. Cada mulher apresenta motivos específicos para justificar sua prática, como estar desempregada, almejar sair da casa dos pais, outras são até mesmo expulsas, ter a necessidade de manter terceiros, como filhos ou pais, e, até mesmo, para buscar por um status social, com finalidade de ter uma vida luxuosa e confortável financeiramente, embora, para a grande parte das prostitutas, a prostituição ainda seja considerada como algo transitório, apenas para garantir sua subsistência. Para aquelas oriundas de camadas sociais mais baixas, a perspectiva de mudança de atividade torna-se mais difícil em virtude do contexto da crise do capital, da reestruturação produtiva e do desemprego estrutural, segundo [Corrêa](#) e Holanda (2012).

Em face dos medos e desafios no tocante ao convívio cotidiano ante a prostituição, a tabela 3 apresenta a síntese da narrativa destas garotas de programas. Na análise dos relatos de falas apresentados pelas garotas, nota-se que essas mulheres enfrentam uma série de inquietações e incitações que são intrínsecas à prostituição, muitas das quais estão enraizados em questões de segurança, saúde, relações familiares e estigmatização social. Apesar das dificuldades, a motivação financeira permanece um fator crucial, embora seja acompanhada por um alto custo emocional e psicológico, revelando uma vida marcada por inseguranças e dificuldades de adaptação, em que momentos de humilhação e reflexão são comuns, demonstrando a complexidade e a luta contínua dessas mulheres em seu cotidiano.

Tabela 3. Síntese das narrativas sobre os medos e desafios ante o contexto da prostituição, apresentados pelas garotas de programa participantes do estudo (continua)

<i>Variáveis</i>	<i>Dimensões</i>	<i>Ponderações</i>
Medo	Relacionamentos Familiares e Sociais	- De se aproximar do pai devido à sua ausência e personalidade desligada. - Preocupação com a possibilidade de familiares e amigos descobrirem sua profissão atual.
	Segurança e Saúde	- De ir para a cama com desconhecidos, especialmente quando não se está emocionalmente ou fisicamente disposto. - Temor de sair para fazer programas com clientes desconhecidos e a insegurança que isso envolve. - Preocupação constante com a possibilidade de a camisinha estourar e o risco de contrair doenças. - Das dificuldades financeiras futuras, refletindo uma ansiedade constante sobre o que o futuro reserva.
	Violência e Criminalidade	- Dos perigos associados ao trabalho noturno, incluindo assaltos e tiroteios. - Experiências anteriores de violência, como assaltos, aumentam a sensação de vulnerabilidade.
Desafios	Realidade versus Imaginário	- Lidar com a discrepância entre a fantasia e a realidade da prostituição, onde a vida não é tão fácil como pode parecer.
	Uso de Drogas	- Embora já tenha experimentado várias drogas, não se considera viciada, mas reconhece os desafios associados ao uso de substâncias.
	Interação com Clientes	- Dificuldade em lidar com múltiplos parceiros e o convívio com diversas pessoas, o que pode ser emocionalmente desgastante. - Tratamento rude por parte dos clientes, sendo uma constante fonte de humilhação e desconforto.
	Relações Familiares e Pessoais	- Desafios derivados de deixar os filhos com o ex-marido preso em outra cidade. - Assumir um relacionamento com outra mulher, algo que anteriormente considerava impossível.
	Riscos e Ganhos	- Reconhecimento de que, embora o dinheiro seja rápido, é obtido com muito sofrimento e risco constante.

Tabela 3. Síntese das narrativas sobre os medos e desafios ante o contexto da prostituição, apresentados pelas garotas de programa participantes do estudo (conclusão)

<i>Variáveis</i>	<i>Dimensões</i>	<i>Ponderações</i>
Convivência com a Prostituição	Realidade da Profissão	- Enfrentamento de preconceitos e necessidade de lidar com a própria segurança e saúde. - A prostituição é percebida como uma vida difícil, exigindo muito esforço e enfrentando momentos bons e ruins. - A liberdade de escolher com quem ficar é uma pequena vantagem, mas não compensa as dificuldades gerais.
	Impacto Pessoal	- A prostituição não mudou muitos aspectos de sua vida, além do horário de dormir e da alimentação. - Sentimentos de depressão, timidez inicial e humilhação são comuns, destacando o impacto emocional negativo.
	Motivação Financeira	- A principal motivação para permanecer na prostituição é o dinheiro, apesar de ser um "dinheiro sofrido". - Reflexões sobre o sentido da vida e a percepção de não prejudicar ninguém além de si mesmas ao exercer a profissão.
	Adaptação e Reflexão	- Adaptação difícil à prostituição, com sentimento de que essa vida não faz sentido e não é boa. - Pensamentos recorrentes sobre o dia e os eventos passados, indicando um processo contínuo de autocrítica e avaliação emocional.

Fonte: os autores (2025).

Nota-se que, entre os diversos riscos enfrentados pelas profissionais do sexo, a violência ocupa um lugar central, uma vez que elas não têm controle sobre a escolha dos clientes. Esse cenário é marcado por diferentes formas de agressão, incluindo violência física, abusos sexuais, tráfico de mulheres, estupros, roubos, insultos e humilhações, manifestadas por ofensas verbais e morais. Como apontado por [Monteiro & Moreira \(2012\)](#), um estudo realizado com prostitutas em Leeds, na Inglaterra, e em Glasgow e Edimburgo, na Escócia, revelou que 30% dessas mulheres foram esbofeteadas ou chutadas por um cliente, 11% foram estupidadas e 22% sofreram tentativa de estupro.

Além dos riscos à saúde, quanto ao não uso do preservativo por força do cliente, a exposição ao uso e/ou abuso de droga lícitas e ilícitas, como descrito por [Souza e Antoniassi Junior \(2019\)](#), enseja um dos principais fatores de risco para mulheres profissionais do sexo, que é o consumo excessivo de álcool. Esse hábito ocorre porque, ao incentivarem seus clientes a consumirem grandes quantidades de bebidas alcoólicas para aumentar os lucros dos estabelecimentos, elas também acabam ingerindo álcool. Além disso, o consumo de álcool está relacionado ao enfrentamento da situação, devido ao seu efeito desinibitório, ajudando as profissionais do sexo a se sentirem mais confortáveis durante os programas. Além do que, o uso do álcool pode ser visto não apenas de forma negativa, mas também como uma estratégia de enfrentamento das dificuldades do trabalho e uma maneira de facilitar a sedução dos clientes.

No que concerne à narrativa dessas mulheres profissionais do sexo sobre a percepção de seus corpos, o que as falas revelam é uma gama de sentimentos complexos e, muitas vezes, conflitantes. De modo mais aprofundado na investigação acerca dos relatos de fala, no que se refere à autoestima e à aceitação corporal, algumas garotas relatam ter uma boa relação com seu corpo e lidam bem com a autoestima, indicando um nível de aceitação e conforto com sua aparência física. Outras mencionam ter uma percepção positiva de seus corpos, vendo-os como ferramentas para ganho financeiro na prostituição. Esse tipo de objetificação pode ser uma forma de distanciamento emocional, onde o corpo é visto mais como um meio de sustento do que uma parte integral de si mesmas.

Quanto à objetificação do corpo enquanto ferramenta de trabalho, a percepção dessas garotas do corpo como uma ferramenta essencial para o ganho financeiro é comum. Essa objetificação, embora prática para a sobrevivência pode desumanizar a experiência corporal, transformando o corpo em um objeto de trabalho, mais do que em uma parte respeitada de sua identidade. Além disso, as mudanças corporais significativas, como a gravidez na adolescência, influenciam como essas mulheres percebem e usam seus corpos. Tais mudanças podem reforçar a tal atitude, especialmente se essas alterações são vistas como impactantes para seu trabalho ([Damião & Chinavale, 2023](#)).

O ganho financeiro, que entra com certa rapidez e com aparente facilidade na prática da prostituição, vai embora com a mesma velocidade, pois é utilizado para satisfazer os mais variados desejos das profissionais do sexo, realizando, assim, seus sonhos consumistas, algo que, em outras profissões, em curto prazo, seria muito difícil de alcançar, e, com a quantidade de dinheiro que se obtém, há a chance de essas mulheres se estabelecerem em um meio social economicamente mais elevado, diz [Corrêa](#) e Holanda (2012).

Por outro lado, é limitante considerar a prostituição apenas como uma simples troca de serviços ou sexo pago. Uma visão mais ampla reconhece a identidade social da prostituta como baseada na interação com múltiplos homens, oferecendo prazeres carnisais, sem o propósito de procriação, desafiando, assim, as normas de moralidade estabelecidas pela sociedade ([Paiva et al., 2020](#)).

Embora algumas mulheres relatem não ter uma boa percepção de seus corpos, especialmente no início de suas carreiras na prostituição, elas dizem se sentirem constrangidas e tímidas. Isso sugere uma falta de confiança e desconforto significativo em relação à exposição corporal e à objetificação envolvida no trabalho, revelando um humor rebaixado, uma baixa autoestima, uma desmotivação com o trabalho, uma vez que, para algumas, não há sentido e nem valor utilizarem seus corpos como objeto de trabalho. Daí, essa desmotivação pode estar ligada ao desgaste emocional e à falta de uma visão positiva de si mesma e de seu corpo ante a deterioração física, psíquica e social imposta pela vulnerabilidade das relações ante a prostituição ([Paiva et al., 2020](#); [Sousa & Antoniassi, 2019](#)).

De todo modo, a percepção corporal entre as mulheres profissionais do sexo varia amplamente, desde uma aceitação pragmática e a objetificação do corpo como uma ferramenta de trabalho até sentimentos profundos de constrangimento e baixa autoestima, apesar de algumas conseguirem lidar bem com sua autoestima e terem uma boa percepção de seus corpos, utilizando-os de maneira prática para sustento financeiro. Assim, a objetificação do corpo é uma percepção comum, vista como uma necessidade para ganhar dinheiro, embora essa visão possa desumanizar a experiência corporal e emocional, e outras mulheres lutarem com baixa autoestima, constrangimento e desânimo, refletindo uma dificuldade em aceitar e valorizar seus corpos dentro do contexto de trabalho na prostituição ([Sousa & Antoniassi Junior, 2019](#)).

Nesse sentido, destaca-se a complexidade das experiências e percepções corporais das mulheres profissionais do sexo, em que o corpo é simultaneamente uma fonte de poder econômico e um campo de batalha emocional. Em relação à prostituição, o estigma associado está enraizado em um dilema moral: mulheres que alugam seus corpos para proporcionar prazer aos homens são desqualificadas, enquanto os homens que procuram esses serviços são socialmente apoiados e justificam suas ações como uma afirmação da masculinidade. Esse estigma perpetua as desigualdades de gênero e contribui para que essas profissionais tenham menos acesso a direitos, ampliando sua vulnerabilidade, especialmente no que se refere à saúde sexual e mental ([Scantamburlo & Weneck, 2023](#)).

Por fim, no que diz respeito aos sonhos e as expectativas narradas pelas garotas, evidencia-se a busca por estabilidade, segurança e uma vida melhor para si e suas famílias. Elas desejam melhorar sua educação, com muitas aspirando a concluir o ensino médio e a faculdade, com interesses variados, incluindo enfermagem, pedagogia e medicina. A estabilidade financeira é uma meta central, com objetivos de comprar propriedades, como carros e apartamentos, mobiliar suas casas e até empreender, como abrir um salão de beleza. A saída da prostituição é um desejo comum, visando criar um ambiente seguro e saudável para seus filhos e familiares, além de limpar seus nomes e quitar dívidas. De modo geral, essas mulheres aspiram por uma vida mais convencional, segura e gratificante, tanto para elas quanto para suas famílias.

Conclusão

O contato com os relatos dessas jovens garotas de programa revela um panorama complexo e multifacetado das realidades que enfrentam. Cada história é única, mas todas compartilham uma jornada marcada por desafios, sonhos adiados e a busca por independência e realização pessoal.

Uma das narrativas ecoa a busca pela aventura e pela descoberta do mundo, impulsionada por uma juventude vibrante e cheia de sonhos. Para essa jovem, o dinheiro rápido da prostituição se torna uma via para alcançar seus objetivos, mesmo que isso signifique adiar outras aspirações, como concluir os estudos e ingressar na faculdade. O apoio familiar e dos amigos parece sustentá-la nessa jornada, ainda que seja uma escolha difícil de compreender para muitos.

Outra história emerge das sombras da dificuldade e da falta de suporte familiar. Uma jovem que, desde cedo, sentiu-se aprisionada por circunstâncias adversas, opta pela prostituição como uma forma de sobrevivência. O abandono do pai de seu filho e a expulsão de casa a empurram para as ruas, onde encontra uma maneira de sustentar a si mesma e à criança. É uma trajetória marcada pela resiliência, diante da adversidade e pela luta por autonomia em meio a um contexto hostil.

E há também aquela cuja história é entrelaçada com experiências traumáticas do passado, como o estupro perpetrado pelo padrasto na infância. Esses eventos deixam cicatrizes profundas, moldando sua visão da sexualidade e influenciando suas escolhas de vida. A prostituição, para ela, é uma mistura complexa de sobrevivência, desejo por estabilidade financeira e busca por uma identidade própria, livre das sombras do passado.

Em todas essas narrativas, há um fio comum de ambição e desejo por uma vida melhor. Mesmo diante das dificuldades e dos perigos que a profissão carrega, essas mulheres almejam mais do que simplesmente sobreviver. Elas sonham em construir famílias, realizar estudos, estabelecer relacionamentos estáveis e encontrar felicidade em meio às adversidades.

No entanto, há também um reconhecimento implícito dos riscos e das dificuldades que a prostituição acarreta. As situações traumáticas vivenciadas dentro dessa profissão deixam marcas profundas, e muitas

dessas mulheres sentem o peso da responsabilidade, ao ponderar sobre o impacto de suas escolhas na vida de outras mulheres.

Assim, os relatos dessas garotas de programa revelam não apenas histórias individuais de luta e superação, mas também apontam para questões mais amplas sobre desigualdade social, violência de gênero e os limites da liberdade individual em um mundo onde as opções muitas vezes são escassas e as escolhas são difíceis.

Por fim, a pesquisa sobre a vida de mulheres na prostituição enfrenta limitações, como o acesso restrito a um único local de estudo e o estigma que pode influenciar os relatos das participantes, dificultando a generalização dos resultados e afetando a profundidade das respostas.

Contudo, futuramente, as políticas públicas poderiam focar em programas de suporte psicológico e capacitação profissional para essas mulheres, além de promover campanhas que reduzam o estigma social e, para as práticas profissionais, sugere-se a ampliação de redes de apoio e abordagens terapêuticas sensíveis às suas histórias de vida, oferecendo espaços seguros que reforcem a autonomia e dignidade dessas mulheres.

Contribuições dos autores

Os autores declararam ter feito contribuições substanciais ao trabalho em termos da concepção ou desenho da pesquisa; da aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; e da redação ou revisão crítica de conteúdo intelectual relevante. Todos os autores aprovaram a versão final a ser publicada e concordaram em assumir a responsabilidade pública por todos os aspectos do estudo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Andrade, L. P. S. (2004). Metodologia da História Oral: Desafios e possibilidades de uma prática contra hegemônica. *Humanidade & Tecnologia (FINOM)*, 46(e2593). <https://doi.org/10.5281/zenodo.10565367>
- Antoniassi Junior, G. (2019). Diferentes métodos de pesquisa na análise qualitativa, para promover saúde. *Psicologia e Saúde em Debate*, 5(Suppl.2), 107-110. <http://psicodebate.dpgsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/547>
- Araújo, B. A. B. (2021). Você nos colocou na História: uma História Social da prostituição brasileira nas décadas de 1980 e 1990. *Epígrafe*, 10(1), 21-49. <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/173695>
- Bardin, L. (2022). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo. Fatos e mitos*. Difusão europeia do livro. <https://joaocamilloopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>
- Beltrão, J. F., & Bispo, A. F. (2023). Trabalho sexual no Brasil: uma abordagem do protagonismo das prostitutas na luta pelo reconhecimento do direito ao exercício da profissão. *Saúde Em Debate*, 47(spe1), e8507. <https://doi.org/10.1590/2358-28982023E18507P>
- Corrêa, W. H., & Holanda, A. F. (2012). Prostituição e sentido de vida: relações de significado. *Psico-UFS*, 17(3), 427-435. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000300009>
- Damião, D. B., & Chinavale, M. J. J. (2023). As mulheres do game em Luanda: estudo sobre a redução das carências socioprofissionais através das trocas econômico-sexuais. *Revista Multidisciplinar*, 1(1), 17-24. <https://doi.org/10.5281/zenodo.8172713>
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. (24a ed.) Edições Loyola.
- Funari, P. P. A. & Rago, M. (2008). Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. In: P. P. A. Funari, & M. Rago (orgs), *Subjetividades antigas e modernas* (p. 15-28). Annablume.
- Goes, E. F., Ferreira, A. J. F., Meira, K. C., Myrrha, L. J. D., Reus, A. O., Nunes, V. G. A., Santos, J. M. S., Pinto, N. R., Santos, M. E. S., Oliveira, H. C. G., & Ramos, D. O. (2023). Desigualdades raciais nas tendências da maternidade adolescente e no acesso ao pré-natal no Brasil, 2008-2019. *Research, Society and Development*, 12(1), 1-12. <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i1.39404>
- Lisbôa, F. M. (2020). Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. *História Oral*, 23(1), 161-182. <https://doi.org/10.51880/ho.v23i1.995>
- Lopes, N. (2017). "Prostituição Sagrada" e a Prostituta como Objeto Preferencial de Conversão dos "Crentes". *Religião & Sociedade*, 37(1), 34-46. <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n1cap02>
- Minayo, M. C. S. (2013). O desafio da pesquisa social. In: S.F. Deslandes, R. Gomes, & M. C. S. Minayo, *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade* (p. 9-29) (21. ed). Vozes.
- Ministério do Trabalho e Emprego. (2025). *Profissionais do sexo: descrição da ocupação*. <https://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>
- Monteiro, C. F. S., & Moreira, I. C. C. C. (2012). A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. *Rev. Latino-Am.Enfermagem*, 20(5), 3-7. [https://www.scielo.br/j/rlae/a/SQXkcFZktfcPbsJThTkzs6h/?format=pdf&lang=pt#:~:text=%C3%89%20uma%20quest%C3%A3o%20social%20que,v%C3%ADtimas%20e%20familiares\(1\)](https://www.scielo.br/j/rlae/a/SQXkcFZktfcPbsJThTkzs6h/?format=pdf&lang=pt#:~:text=%C3%89%20uma%20quest%C3%A3o%20social%20que,v%C3%ADtimas%20e%20familiares(1))
- Moreno, J. L. (2011). *Psicodrama* (13ª ed). Cultrix.
- Myers, G. (2015). Análise da conversação e da fala. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell (orgs), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (p. 271-292). Vozes.
- Paiva, K. C. M., Pereira, J. R., Guimarães, L. R., Barbosa, J. K. D., & Sousa, C. V. (2020). Mulheres de vida fácil? Tempo, prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas. *Revista de administração de empresas*, 60(3), 3-7. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200304>
- Paula, J. C. A., Oliveira, I. R., & Coimbra, A. M. (2023). GEMPAC: Uma Experiência de Resgate da História das Mulheres Prostitutas do Pará. In R. S. Link, S. R. Souza & A. Pacheco, *Histórias Amazônicas Cruzadas Anais do VI Seminário Integrado de Ensino e Pesquisa em História e XXVI Semana de História* (pp. 35-41). Karywa. <https://editorakarywa.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/11/ebook-historias-amazonicas-cruzadas-1.pdf#page=35>

- Piscitelli, A. (2012). Feminismos e prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. *Cuadernos de Antropología Social*, 36, 11-31. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1229722>
- Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. (2012). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. (2016). Diretrizes aplicáveis a pesquisas em ciências humanas e sociais. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Scantamburlo, F., & Werneck, G. (2023). Prostituição feminina: estigma e representações sociais. *Revista científica ambiente acadêmico*, 9(1), 3-14. [https://prostituicao-feminina-estigma-e-representacoes-sociais.pdf \(multivix.edu.br\)](https://prostituicao-feminina-estigma-e-representacoes-sociais.pdf (multivix.edu.br))
- Silva, G. N. (2018). As muitas faces da prostituição: uma abordagem histórica sobre o controle da sexualidade a partir de Foucault. *Divers@*, 11(1), 15-25. <https://doi.org/10.5380/diver.v11i1.51975>
- Sousa, R. P., & Antoniassi Junior, G. (2019). Observando o cotidiano de mulheres prostitutas num contexto urbano relacionado a vida social. *Psicologia e Saúde em Debate*, 5(2), 52-67. <https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V5N2A4>
- Souto, K. D. (2024). Prostituição no Brasil: uma história de luta e invisibilidade longe do fim. *RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, 1(1), 133-136. <https://doi.org/10.51473/rcmos.v2i1.312>
- Souza, M. D., Ferraz, D. L. S., & Melo, J. M. P. V. (2023). Prostituição: para além do “ser ou não ser profissão”. *Germinal: marxismo e educação em debate*, 15(3), 156-175. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/56819/31137>